

## REDE SOCIAL DE APOIO DO PAI ADOLESCENTE: IMPORTÂNCIA PARA O EXERCÍCIO DA PATERNIDADE

**CORRÊA, Ana Cândida<sup>1</sup>; SOARES, Marilu Corrêa<sup>3</sup>; BORDIGNON, Simoní Saraiva<sup>4</sup>; PARRA, Júlia Cardoso<sup>5</sup>**

<sup>1</sup>Discente do 8º semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista de Iniciação Científica CNPq na pesquisa RAPAD. Membro do Núcleo de Estudos em Práticas de Saúde e Enfermagem (NEPEn).

<sup>3</sup>Enfermeira. Doutora em Enfermagem em saúde Pública EERP-USP. Docente do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Rio Grande do Sul, pesquisadora colaboradora da pesquisa RAPAD.

<sup>4</sup>Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem UFPEL. Bolsista CAPES. Membro do NEPEn.

<sup>5</sup>Discente do 3º semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Voluntária da pesquisa RAPAD. Email

### **Sonia Maria Konzgen Meincke<sup>2</sup>**

*<sup>2</sup>Doutora em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, Professora Adjunta II da Faculdade de Enfermagem da UFPEL, Brasil. Coordenadora Geral da Pesquisa Multicêntrica: Redes de Apoio a Paternidade na Adolescência – RAPAD. Líder do Núcleo de Estudos em Práticas de Saúde e Enfermagem (NEPEn). E-mail: [meincke@terra.com.br](mailto:meincke@terra.com.br)*

## 1 INTRODUÇÃO

A adolescência é o período de transformação na vida do ser humano, abrangendo a faixa etária de 10 a 19 anos, na qual acontecem importantes mudanças que determinam especificidades emocionais e comportamentais as quais podem repercutir na saúde sexual e reprodutiva (BRASIL, 2002). Dessa forma, pode-se compreender porque a adolescência é uma fase de tantos conflitos (BRASIL, 2006). Ao somarmos a paternidade com essa etapa do desenvolvimento humano é gerar para esse jovem, diversos sentimentos, sendo de satisfação pela criança que virá ao mundo, como também de perda da liberdade, de deixar de viver e agir conforme sua vontade e seu desejo, percebendo-se obrigados a abrir mão de vivências que lhe davam prazer em função dessa nova vida que assumiram (CORREA, 2005). A paternidade na adolescência causa mudanças e readaptações de ordem psicossocial, formando novos papéis para a organização de vida do adolescente, podendo atuar como um fator importante no processo de inserção no mundo adulto (BARRETO, 2010). Este fenômeno é vivenciado de acordo com a cultura e geralmente está embasado em valores e sentimentos das famílias, os quais foram construídos ao longo das gerações. Esse processo de construção da identidade, da subjetividade e da representação de paternidade ocorre em contextos históricos, culturais e afetivos, com significados próprios de cada geração (MEINCKE, 2009). Os fatores que permeiam a paternidade na adolescência como desvantagem ou problema social são a interrupção prematura da escolaridade, a diminuição da capacidade de competir no mercado de trabalho e maior instabilidade nas relações conjugais (CABRAL, 2003). Nesse sentido, acredita-se que a rede social de apoio pode contribuir para minimizar as necessidades que o pai adolescente poderá apresentar durante o exercício da paternidade, oferecendo base de sustentação para que ele exercite o seu papel de pai frente à criança, à família e à sociedade, e desta maneira contribuindo para o desenvolvimento de uma família

saudável. Diante do exposto, este estudo teve como objetivo conhecer a rede social de apoio do pai adolescente e sua importância para o exercício da paternidade.

## 2 METODOLOGIA

O presente estudo utilizou-se de um recorte dos dados qualitativo da pesquisa multicêntrica Redes Sociais de Apoio à Paternidade na Adolescência – RAPAD financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e coordenada pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa é composta por dois estudos: um quantitativo, realizado com as puérperas adolescentes dos hospitais participantes do estudo; e outro qualitativo, com os pais adolescentes, realizado em dois momentos, um por ocasião do nascimento e outro após 6 meses de vivência da paternidade. A pesquisa RAPAD envolve os hospitais vinculados às Universidades Públicas de três municípios, Pelotas/RS, Florianópolis/SC e João Pessoa/PB. Para este estudo, utilizou-se o segundo momento do estudo qualitativo, a fim de avaliar as redes e apoios sociais disponíveis e sua utilização pela família. Escolheu-se um pai adolescente de forma aleatória que residisse no município de Pelotas-RS. O sujeito do estudo foi chamado pelo nome fictício João que tem 17 anos.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Sluzki (1997) a rede social é considerada um conjunto de todas as relações que uma pessoa entende como significativas ou distinguidas da massa anônima que é a sociedade. Esta rede é o nicho interpessoal da pessoa e colabora para seu reconhecimento e auto-imagem. Está formada pela família, amigos, relações de trabalho ou estudo e relações com a comunidade. Portanto, considera-se a importância do pai adolescente contar com uma rede de apoio social diversificada, composta pela família, escola, amigos, comunidade, bem como os serviços de saúde. Sendo assim, o adolescente que vivencia o processo da paternidade pode encontrar na rede social de apoio a sustentação para uma efetiva estruturação individual e social, assim como para o exercício da paternidade (Bueno,2010). Neste estudo salienta-se a fala de quanto foi importante o apoio emocional da família. “ [...] minha mãe e minha irmã deram muitos conselhos bons. [...] Elas falaram: não fica assim, não desiste porque amanhã ou depois ela (filha) vai precisar de ti e por causa da tua fraqueza tu não vai ter como ajudar.[...] ajuda bastante isso daí pô quem não vai gostar”.( João,17 ). Diante do exposto, pode-se observar que o adolescente procura um embasamento junto à sua família, a qual favorece a construção da vivência da paternidade, proporcionando, o apoio psicológico que é fundamental para este momento. Além do apoio emocional, o adolescente ao se deparar com a paternidade, necessita na maioria das vezes receber apoio financeiro. Conforme Trindade e Menandro (2002), afirmam que o principal argumento imposto aos jovens como impeditivo de sua possibilidade de ser um bom pai é o financeiro, ou seja, ele não tem condição de assumir integralmente o papel de provedor da família. Isso pode ser observado quando o pai adolescente diz: “Lá em casa é todo mundo humilde não tem aquilo, dinheiro para dar e sobrar. Eles ajudam, acho que eles ajudam sim, se eu não tenho no dia e eu falar para eles (família), eles me ajudam com certeza, deixam de pegar para eles para dar para mim. A gente é muito unido lá”(João,17). Neste sentido, a família, para o pai adolescente, é vista como rede de apoio tanto no suprimento das necessidades financeiras como emocionais, fornecendo uma base consistente de apoio no exercício da paternidade (MEINCKE,2009). Para Lyra (1997) existe um silêncio social em relação à paternidade na adolescência, e isso se deve a sociedade não oferecer ao adolescente uma estrutura que favoreça o exercício da paternidade, dificultando o desempenho desse papel por considerá-lo não apropriado para esse

momento de sua vida. Isso fica evidente na fala do adolescente *“Na comunidade todo mundo teve contra, porque a gente era novo, mas na minha casa, não, a mãe ficou feliz, ficou babando porque ia ter um neto e ela sabe que eu sempre trabalhei então, não se preocupou em nada”* (João,17). Segundo Paiva (2003), na nossa sociedade o pai é visto como incapaz de cuidar do filho e de ter uma família. O estereótipo dado ao pai de irresponsável, omissivo e ausente pode contribuir para que o jovem se comporte da maneira esperada pelas instituições e sociedade. É importante, porém, ter claro que nem todo pai adolescente é relapso e que nem toda experiência de paternidade é negativa para os jovens, como somos ensinados a pensar e a esperar. O mesmo se aplica às mães adolescentes (PROMUNDO, 2001). Ao investigar as redes de apoio a paternidade na adolescência observa-se que essa rede é escassa e isso se deve por ser um assunto pouco discutido tanto em meio acadêmico como nas políticas públicas. Ficou evidente nas falas do pai adolescente João, que a única rede de apoio que teve durante o processo de paternidade foi a familiar. Para Cabral (2003) é imprescindível a participação e apoio da família nesse universo em que a ajuda recíproca é fundamental, ela é um ator central que provê moral e materialmente as condições para que o jovem possa assumir a paternidade. É oportuno conhecer o que direciona os projetos de vida desses adolescentes, principalmente, em relação à escola, família, rede de apoio social e serviços de saúde (VENTURINE,2010).

#### 4 CONCLUSÃO

É necessário um olhar para esse campo ainda precário de intervenções e pesquisas, a fim de auxiliar quem vivencia a paternidade na adolescência, como também, incluir o pai adolescente em programas sobre gravidez na adolescência, tanto para promover o envolvimento paterno, como para auxiliá-los na visualização das demandas da paternidade e promover o apoio social aos mesmos. Para que isso aconteça, é necessário uma mobilização dos sistemas educacionais, de saúde e social, para além do lugar que ocupam os estudos e a tematização da paternidade adolescente. Essa é uma questão social que vem emergindo na forma de demanda aos serviços de assistência a adolescentes.

#### 5 REFERÊNCIAS

- BRASIL. MS. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Assistência em planejamento familiar: manual técnico**. 4.ed. Brasília (DF); 2002.
- BRASIL. MS. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política nacional de atenção básica** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção à Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- CORRÊA, A. C. P. **Paternidade na adolescência: vivências e significados no olhar de homens que a experimentam**. Ribeirão Preto, 2005. 140f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto.
- BARRETO, A.C.M.; INEZ, S.A.; IRIS, B.R.; KELLY, F.A.T. Paternidade na Adolescência: tendências da produção científica. **Adolescência e Saúde**. v.7, n.2, p. 6. 2010
- MEINCKE S.M.K; CARRARO T.E. Vivência da paternidade na adolescência: sentimentos expressos pela família do pai adolescente. **Texto Contexto Enferm.**; v.18, n.1 p.83-91. Jan/Mar. 2009.
- PEREIRA, A.P.S et al . O genograma e o ecomapa no cuidado de enfermagem em saúde da família. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 62, n. 3, Jun 2009 .

BUENO, M.E.N.. **Redes de apoio à paternidade na adolescência:** uma abordagem sistêmica na enfermagem. Pelotas, 2010. 75f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas.

TRINDADE, Z.A.; MENANDRO, M.C.S. Pais adolescentes: vivência e significação. **Estudos de Psicologia**, v.7, n.1, p.15-23. 2002.

LYRA, J.L.C.F. **Paternidade adolescente:** uma proposta de intervenção. São Paulo, 1997. 182f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PAIVA, M.F.S. **Ser adolescente, pobre e pai:** um estudo qualitativo das repercussões na organização das famílias. Recife, 2003. 123f. Dissertação (Mestrado psicologia)-Universidade católica de Pernambuco.

CABRAL, C.S. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. **Cad. Saúde Pública**, (Rio de Janeiro), v.19, n. 2, p.283-292. 2003.

VENTURINI, A.P.C. **Paternidade na adolescência e os projetos de vida na gestação do primeiro filho.** Porto Alegre, 2010. 165f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MEINCKE SMK, CARRARO TE. Vivência da paternidade na adolescência: sentimentos expressos pela família do pai adolescente. *Texto Contexto Enferm.* 2009 Jan-Mar; 18 (1): 83-91.

SLUZKI, C.E. **A rede social na prática sistêmica:** alternativas terapêuticas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CORRÊA, A.C.P.; FERRIANI, M.G.C. Paternidade na adolescência: um silêncio social e um vazio científico. **Rev Gaúcha Enferm.** v.27, n.4, p.499-505, dez 2006 .